

UM OLHAR OUTRO

Uno-me à revolta silenciosa de muitos. Diante do espectáculo dan-tesco da nossa floresta a arder, ameaçando casas e vidas, faltam as palavras e fica-se o silêncio. Um silêncio de raiva, de impotência, de respeito talvez por tantos, a maioria também silenciosa, que, no terreno, fazem o possível e tentam o impossível. De raiva talvez diante dos discursos repetitivos dos «actores» num palco que, ano após ano, se monta para que se destaquem os «conferencistas de imprensa» a fazerem sempre o último balanço, repetindo que «tudo está a ser feito como programado» e que «os meios são os adequados à situação». No palco ainda actuam comentadores e cronistas, habituados aos palpites do que pode vir a seguir e até de «resultados» previstos nas eleições futuras. Diante do espectáculo repetido ano após ano não faltam os prognósticos nas urnas, medindo-se a in/competência do governo pelo modo como actua ou manda actuar no terreno, independentemente dos milhões, infelizmente já previstos no orçamento, que delapidam o erário público.

É de revolta o sentimento que me invade, agravado pelo «fatalismo» com que se chega ao verão e nos tentam convencer de que não pode haver verão sem incêndios. Que discurso é este que anestesia a opinião pública, que «imagem» de país nos «vendem» a arder atirando sempre as culpas para as condições climáticas adversas, a força dos ventos, as temperaturas elevadas... Só uma razão entre as mais viáveis se torna tabú, totalmente inconveniente por não entrar no discurso politicamente correcto: o incendiário. Sim, quem inicia o processo e porquê? Quem ganha com os incêndios? A quem interessam? Porquê esta injustiça terrível sobre os bombeiros que, no terreno, arriscam a vida ou sobre os investigadores e polícia, chamados a dar a explicação objectiva do porquê de um incêndio?

Parece ser proibido falar dos incendiários e das razões que os motivam. Porque será? Os nossos «brandos costumes» não permitem «tocar» em certas matérias da nossa vida política ou das nossas leis penais. Mesmo diante de tantos prejuízos de vidas ceifadas, fez-se algo que facilitasse a investigação criminal ou foram agravadas as penas para os infractores? A facilidade com que tudo se explica por «deficiência mental», que torna ininputável o incendiário não será uma das causas para tantos e reiterados incêndios, nas mesmas zonas e pelos mesmos de ano para ano?

A gravidade do fogo posto fazia parte outrora dos códigos morais e da pregação nas igrejas. E nem se falava, como hoje felizmente acontece, do «cuidado da casa comum», do respeito pela criação. Mas havia enorme respeito pela floresta. O pecado de fogo posto era considerado de extrema gravidade, cujo perdão era «reservado» e sujeito a licença especial. A Igreja era instância de educação, respeitada e necessária, sabendo estar à altura da harmonia social. É caso para perguntar: a quem interessa desligar as pessoas da influência da acção da Igreja? Mas voltemo-nos para o incendiário: como se «forja» ele? De que ambiente vem? Que estrutura familiar é a dele? Que referenciais o constituem? Que «regras morais» o balizam? O que enche a sua cabeça no dia a dia? Apenas os direitos? A ambição legítima de meios de subsistência? O «direito» a ser mantido pelo Estado? A sedução pelo espectáculo que o pode catapultar para as imagens televisivas, permitindo escassos segundos de fama, ainda que pelos piores motivos?

Situemo-nos aqui, no perfil do causador do incêndio propositado. Mesmo que saibamos todos que nem todos os incêndios têm causa humana, propositada ou negligente.

Pobre país o nosso que há tantos anos desvalorizou a família, em que o Estado tenta sobrepor-se aos pais, as ideologias ateias são favorecidas, a história e a identidade do povo, construídas nos valores evangélicos, são ignoradas, e o progresso se mede apenas pelos números dos indicadores económicos. Esquece-se a dimensão espiritual da pessoa e dos grupos humanos – a inegável dimensão transcendente do ser humano – com a componente da esperança que vai além das fronteiras do espaço e do tempo.

Haja coragem de recuar no tempo. Outrora, sem Siresp e protecção civil, eram os bombeiros, com a ajuda das populações que acorriam de imediato. Todos ajudavam e nunca se chegava às dimensões de hoje. Será esta organização, terrivelmente dispendiosa e envolvente de tanta gente nos comandos e corpos intermédios, mais eficaz do que a simples corporação de bombeiros local?

O Prior – P. Abílio Cardoso

Tiragem semanal: 1000 ex.



PROCLAMAS DE CASAMENTO

Querem contrair Matrimónio:

JOÃO PAULO MATOS DA COSTA SENRA, de 27 anos, filho de Manuel Senra da Costa e de Isabel Maria da Costa Matos, residente em Barcelos, com PATRICIA CRISTINA GONÇALVES MOREIRA, de 27 anos, filha de António Joaquim Dias Moreira e de Paula Cristina Gonçalves Mendes Moreira, residente em Madalena, Vila Nova de Gaia.

«Os fiéis são obrigados a manifestar ao pároco ou ao Ordinário do lugar, antes da celebração do matrimónio, os impedimentos de que, porventura, tenham conhecimento» (Cânone 1069).

A MENOS OU A MAIS, PADRES OU CRISTÃOS?

Sou do tempo em que cada paróquia tinha o seu pároco, independentemente de ser grande ou pequena. Àquelas que eram grandes "pagavam" menos ao padre. As que eram "pequenas" pagavam muito mais de premissa. Já imaginaram quanto teriam que pagar ao padre, hoje, algumas paróquias de 450 habitantes, com 100 casas? A mim aconteceu-me isso nos 2 primeiros anos de padre/pároco. Razão por que passei alguma fome. Há 15 dias fiz o meu retiro anual. O conferente era de Coimbra (reitor do Seminário) e os exemplos que apontava eram quase sempre tirados da sua diocese: leigos a presidirem a celebrações (não eram missas) ao domingo, a presidirem aos funerais e fazerem a "encomendação" do defunto na Igreja, antes de irem para o cemitério, alguns leigos encarregados do pastoreio de paróquias etc, etc. E tudo corria muito bem, no dizer daquele conferente. Cá na diocese de Braga, ainda não temos necessidade disso, a não ser em casos pontuais. Mas é natural que num futuro não muito longínquo venha a acontecer. E se vier a acontecer, qual o problema? Até parece que são os padres que "forçam" as pessoas a irem para o céu. Não! Cada um é que se há-de esforçar por fazer o seu trabalho (de casa, na Igreja, na paróquia etc.) O resto é com Deus e o seu Espírito. Talvez que um dos males da Igreja de hoje não seja haver "menos" padres. Talvez, isso sim, o mal resida de, no passado, haver padres "a mais", que tinham de criar trabalhos para justificar o seu sustento.

(APA, in Rumo e Acção, nº 1494)



Ano XV - Nº 30 - 28 de Julho de 2019

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

Ousar pedir a Deus como Abraão

Como falar de oração hoje num tempo e numa cultura em que Deus é supérfluo e tido como não necessário e até mesmo inútil? Não falta quem se ria publicamente quando alguém, diante de uma situação difícil, de uma doença incurável, apela a que se reze.

Pois bem, é mesmo de oração que se trata na liturgia deste domingo. Ocasão propícia para nos determos sobre quem somos e quem Deus é, para, daí, nos entendermos minimamente na relação que estabelemos pela oração.

O exemplo de Abraão, que intercede por um povo que nem sequer conhece, muito à oriental, leva-nos ao coração de Deus e revela-nos muito mais quem Deus é do que quem somos nós que rezamos. De facto, porque Deus é justo e misericordioso, porque Deus é o totalmente Outro, que age na lógica do dom em vez da lógica do interesse, Abraão ousa descer aos mínimos o que se poderia esperar dos humanos. Ele considera o próprio ser de Deus, que não age em função daquilo que poderia esperar das suas criaturas. Um justo que haja à face da terra é sempre suficiente para não cumprir a ameaça de castigo. Um justo... quem não pensa, relendo o relato do Génesis, em Jesus Cristo, o único justo, que Se entrega por todos?

Na oração do Pai Nosso, matriz de toda a oração cristã, a vontade de Deus que deve ser sempre feita não pode ser outra que o bem do ser humano, aliás na sequência dos profetas e salmistas, para quem Deus age sempre em favor do ser humano, o único de quem se diz que foi criado à imagem e semelhança de Deus.

Rezar torna-se uma necessidade para o crente. Como o ar que respira, quem acredita não pode passar sem a oração, que, mesmo sem

palavras, muitas vezes fica reduzida a um simples murmúrio do coração ansioso diante de uma situação difícil.

Rezar é estar, permanecer em Deus, tomar consciência da Presença que nos habita, que não nos deixa no desânimo, que nos dá a mão para nos levantarmos.

A oração acontece como expressão de uma relação entre o crente e Deus, que evolui conforme a idade e a experiência até se tornar um desejo permanente de «mergulhar» em Deus.

A súplica do crente raia as fronteiras do impossível, pois a consciência dos nossos limites contrasta com a certeza da fé de que para Deus não há impossíveis. Por isso o milagre acontece e é percebido pelo crente em muitas situações da sua própria vida.

De um comentário que li, retenho algumas questões que nos podem ajudar na reflexão sobre a oração:

1. O que nos leva cada um a rezar? Para exprimir a nossa condição de filhos de Deus ou para obtermos um «desenrrasque» fácil, imediato e barato?

2. Porquê rezar com insistência? Para que Deus ceda ao nosso desejo ou para nos tornarmos conscientes de que tudo temos a receber das mãos de Deus?

3. Que sentimentos são os nossos quando nos damos conta de que Deus escuta e atende a quem não tem direito ou que não merece ser atendido pela vida que leva? Graça, gratuidade... diz o ser de Deus não só em relação a mim mas em relação a todos...

4. Paulo diz que Deus anulou a nossa dívida, cravando seu Filho na cruz. Será que Deus perdoa só quando nós saldamos a nossa dívida? Da morte e ressurreição de Cristo surge o perdão total para a humanidade. Que lugar ocupa na nossa vida a fé na ressurreição?

REZEMOS... para além das palavras. E que as palavras das orações dos outros nunca nos impeçam de criarmos a nossa própria oração.

O Prior – P. Abílio Cardoso

VAMOS ACOLHER A SENHORA DA FRANQUEIRA

No próximo sábado vamos acolher o andor da Senhora da Franqueira, nesta sua visita anual à cidade de Barcelos e ao seu solar da Colegiada Igreja Matriz. O Prior convida todos os barcelenses devotos para se concentrarem pelas 21.30 na rotunda do Tribunal, antes do cruzamento com a Rua Silva Vieira, seguindo-se a procissão de velas para a Igreja Matriz, passando na Av. da Liberdade, Rua Teotónio da Fonseca, Rua da Madalena, Praça de Pontevedra e Rua D. António Barroso.

Seguindo o trajeto já conhecido, de modo a proporcionar, aos aglomerados populacionais por onde passará a procissão, a possibilidade de se organizarem numa recepção marcada pelo amor filial à mãe de Deus, iremos cantando e louvando Aquela que melhor cantou as maravilhas que Deus fez e faz, agora neste seu Povo, o povo de Deus de Barcelos.

O convite estende-se a toda semana em que a Imagem da Virgem estará na Igreja Matriz: no domingo, 4 de agosto e no sábado, 10, às 18.00 para a recitação do terço seguida da celebração da Eucaristia. Nos restantes dias, às 21.00 para o terço seguido da Eucaristia.



A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO
XVII DOMINGO DO TEMPO COMUM

Quando Vos invoco,
sempre me atendeis, Senhor

Segunda, 29 – S. Marta

Leituras: Ex 32, 7-11 – 34, 30-34
Jo 11, 19-27

Terça, 30 – S. Pedro Crisólogo

Leituras: Ex 33, 7-11 – 34, 5b-9. 28
Mt 13, 36-43

Quarta, 31 – S. Inácio de Loiola

Leituras: Ex 34, 29-35
Mt 13, 44-46

Quinta, 1 – S. Afonso Maria de Ligório

Leituras: Ex 40, 16-21. 34-38
Mt 13, 47-53

Sexta, 2 – S. Eusébio de Vercelas
e S. Pedro Juliano Eymard

Leituras: Lev 23, 1. 14-11. 15-16. 27. 34b-37
Mt 13, 54-58

Sábado, 3 – Santa Maria

Leituras: Lev 25, 1. 8-17
Mt 14, 1-12

DOMINGO, 4 – XVIII DO TEMPO COMUM

Leituras: Co (Ecl) 1, 2; 2, 21-23
Col 3, 1-5. 9-11
Lc 12, 13-21

Intenções das missas a celebrar na Matriz

(Segunda a Sábado: 19.00 / Domingo: 11.00 e 19.00)

Segunda, 29 – Celebração da Palavra

Terça, 30 – Paula Maria Lopes Lourenço

Quarta, 31 – Ana da Conceição da Silva Mano (aniv.)

Quinta, 1 – Intenções colectivas:

- Helena Augusta Sampaio Falcão Martins (1º aniv)

Sexta, 2 – Devoção em honra do Sagrado Coração de Jesus (Irmãos La Salle)

Sábado, 3 – Intenções colectivas:

- Maria Aldete Miranda Alves

- Licínio Pereira Ribeiro (aniv.)

- José Maria Magalhães Pinto

Domingo, 4 – 11.00 – Missa pelo povo

19.00 – Pelos Irmãos, vivos e falecidos,

da Confraria do Santíssimo Sacramento



ANDAM A «TIRAR» CRISTO DA IGREJA!

1. Quem acompanha minimamente a informação sobre a Igreja tenderá a ficar com uma visão parcial e uma impressão negativa.

A primeira vista, parece que a Igreja são apenas os bispos e os padres, aos quais pouco de positivo é reconhecido e creditado.

2. Não há dúvida de que há muitos factos que nos devem fazer pensar e penar. E de que há atitudes de alguns que nos fazem encher de tristeza e corar de vergonha.

Mas a Igreja será principalmente «isso»? A Igreja serão apenas «esses»?

3. Estribados – talvez – na máxima de que «a boa notícia não é notícia», esquecemos que há padres e bispos (juntamente com muitos consagrados e leigos) com uma vida irrepreensível.

E que são capazes de se doar – até ao último instante – pelo seu semelhante.

4. Porque é que teimamos em ignorá-los ou, pelo menos, em subestimar a sua dedicação?

Na Igreja não se entra unicamente pelo sacramento da Ordem e pela consagração religiosa. Na Igreja, entra-se pelo Baptismo. Quem valoriza a infundável obra de bem-fazer de tantos baptizados?

5. Mas o que mais dói é andarem a «tirar» Cristo da Igreja e a «tirar» a Igreja de Cristo.

Fala-se da Igreja como uma espécie de organização, composta por figuras pouco recomendáveis e a quem se vaticina um fim não muito distante.

6. Neste tempo de «pantologia» arfante, abundam «tudólogos» que nem se dão ao trabalho de ir à procura do «que é» a Igreja ou, melhor, de «quem é» a Igreja.

É claro que a Igreja também somos nós, pecadores. Mas importa lembrar que a Igreja é – antes de mais – Jesus Cristo, que é santo.

7. Sim. Nunca é demais lembrar que a Igreja é o novo Corpo de Cristo.

Ou, se preferirmos, é Cristo no Seu novo corpo.

Daí que a Igreja seja santa na sua cabeça e pecadora nos seus membros.

8. Perguntar-se-á como é que o Corpo de Cristo pode estar «forrado» com um «tecido tão grosseiro».

Sucede que nem o pecado dos seus membros impede que a cabeça faça derramar a sua santidade.

9. E por isso que a Igreja é, segundo J. Möller, a «encarnação permanente», o Cristo prolongado, comunicado e difundido.

Enquanto «totalidade vivente» (R. Guardini), a Igreja é «a concretude de Cristo» (K. Rahner), é «o corpo terrestre de Cristo» (O. Culmann); é Cristo nos cristãos e, pelos cristãos, no mundo.

10. Não «tiremos» Cristo da Igreja. Sem Cristo, subsistirá a Igreja?

Nunca esqueçamos isto: nada há mais belo do que viver em Cristo!

João António Pinheiro Teixeira, In DM 23.07.2019

PALESTRA ARCIPRESTAL – Os padres de Barcelos vão reunir na próxima quarta-feira na Casa de Nazaré em Carapeços.

PEREGRINAÇÃO A NOSSA SENHORA DO SOCORRO – Será no próximo domingo a peregrinação a Nossa Senhora do Socorro – Areias de Vilar.

PEREGRINAÇÃO A TAIZÉ – O Departamento Arquidiocesano da Pastoral de Jovens (DAPJ) volta a organizar uma Peregrinação à Comunidade Ecuménica de Taizé, em França, entre os dias 2 e 12 de Agosto.

PEREGRINAÇÃO À TERRA SANTA – Os participantes – estão inscritos 40 – vão reunir-se no sábado, dia 3, às 20.00 nas salas de catequese para se conhecerem como grupo e receberem informações.

SANTUÁRIO DE FÁTIMA OFERECE FÉRIAS PARA PAIS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA – O Santuário de Fátima vai realizar a 13.ª edição de férias para pais que têm filhos com deficiência, com cinco turnos, entre hoje e 30 de agosto.

A iniciativa tem o objetivo de "oferecer a possibilidade de um tempo de férias" às pessoas com deficiência e aos seus pais "um tempo de descanso, às vezes o único no ano", durante o qual os seus filhos ficam entregues a um corpo de voluntários.

O Santuário de Fátima apresenta, na sua página, informações para as pessoas interessadas nas inscrições e para voluntários.

FEIJOADA SOLIDÁRIA – A LIAM da Silva vai organizar, já em segunda edição uma feijoada solidária a favor de um projeto da missão espiritual no Paraguai. Será no CESM /Seminário da Silva, no próximo dia 4 de Agosto com o seguinte programa:

12h00 – EUCARISTIA, cantada pelo grupo coral da Silva.

13h00 – Almoço

Nota: Não há preço estipulado. Cada pessoa/família dá o que seu coração solidário e missionário lhe disser. São convidados a trazer sobremesa e bebidas, mas sem exageros, pois onde a partilha acontece não há carência que entre. A inscrição deve ser feita HOJE, para estes contactos: Rosa Amaral: 253 881697; Anthony Nascimento: 933058388

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

- Família n.º 82 – 15,00
- Família n.º 563 – 20,00

TOTAL DA SEMANA – 35,00 euros

A transportar: 19.626,95 euros

Despesas até agora: 30.063,22 euros

"A TEORIA DE GÉNERO LEVA À BARBÁRIE"

Farida Belghoul, radical anti-racismo dos anos 80, atualmente na luta contra a doutrinação da ideologia de género nas escolas francesas

Existe um fio condutor no compromisso social de Farida Belghoul. Na década de 80 ia para as ruas como líder da "beur movimento", formado por multidões de jovens norte-africanos que pediam integração na sociedade francesa. Hoje, depois de quase trinta anos de "descanso" das atividades públicas, uma nova emergência social levou-a a assumir o seu papel, usando seu inegável talento para atrair. Trata-se da difusão da ideologia de género, que "é mortal" e parte de "um projeto global que tem por objetivo garantir que as crianças percam todos os pontos de referência."

É "mais grave" do que o racismo. Palavras duras, proferidas em entrevista ao Il Foglio, que atestam o nível de consciência que este ícone dos direitos civis, de origem argelina, demonstra a respeito do fenómeno, que "tende a tirar das crianças o último reduto que permite a identificação com algo sólido e enraizado: a identidade sexual".

Na França, o 'género' começou a estabelecer-se na sala de aula há alguns anos, na época em que a grande maioria das pessoas jamais teria ousado imaginar que um programa educacional pudesse ser tão subversivo ao ponto de minar os fundamentos do direito natural. Agora, o projeto atingiu o seu ápice. Sob o pretexto de "luta pela igualdade e contra a homofobia", o ministro da Educação, Vincent Peillon, "nos passos de seu predecessor, Luc Chatel," estabeleceu a meta, para o início do próximo ano letivo, de formalizar a educação de género nas escolas. Seria o marco institucional para uma realidade já existente na prática: "centenas de escolas estão envolvidas no projeto, que tem como objetivo declarado "desconstruir os estereótipos de género". E como estereótipos de género, esses "jacobinos de identidade sexual", compreendem a diferença entre meninas e meninos, como a atitude de uma menina que brinca com bonecas e um menino com os carrinhos. Para Farida Belghoul tudo isso é uma loucura. "Gostem ou não os partidários do género, a diferença sexual é a origem da humanidade. A reprodução humana ocorre devido a esta diferenciação, que é o fundamento do mundo em que vivemos, e que a ideologia de género pretende destruir de modo astuto, 'pelas costas' dos pais". "É um projeto claro e organizado, que devemos absolutamente impedir", insiste.

Para detê-lo, foi organizado um movimento intitulado Journée de Retrait de L'Ecole ("um dia por mês sem escola"). Mais de setenta comités e milhares de pais aderiram à ideia. Os próprios têm trabalhado, provocando uma movimentação que corre rápido através de sms, e-mails, redes sociais e boca a boca, reunindo uma avalanche de adeptos. Muitas escolas francesas ficaram quase vazias, em protesto contra a educação tingida de "arco-íris".

A campanha de boicote assustou o governo. O Ministério da Educação chamou à pressa os pais (católicos, muçulmanos, não-crentes...) que tinham decidido retirar seus filhos da escola, para explicar-lhes que a doutrinação do género era apenas uma crença, resultado da conspiração típica de "reacionários" e eclodido pela "extrema direita". Mas o exercício imperecível, peculiar à gauche, de agitar o "espectro negro" desta vez não teve o efeito desejado.

Além disso, Peillon foi desmentido, há alguns meses atrás, por uma colega do Executivo, Ministra dos Direitos das Mulheres, Najat Vallaud – Belkacem, que em entrevista ao 20minutes.fr, disse: "A teoria de género, que explica a "identidade sexual" dos indivíduos, seja através do contexto sócio- cultural ou da biologia, tem o mérito de abordar as inadmissíveis e persistentes desigualdades entre homens e mulheres, ou, a homossexualidade, e realizar o trabalho pedagógico sobre esse assunto".

Palavras que soaram como um alarme aos ouvidos de Farida Belghoul. "Estamos diante de um estado totalitário, que está operando tendenciosamente para impor a sua ideologia, aproveitando-se de nossos filhos. Quer substituir pais e mães, considerados implicitamente incompetentes, e reeducar nossos filhos, 'arrebatar- os', e aqui cito o ministro Peillon, pelo "determinismo familiar".

O problema, no entanto, sendo o sintoma de uma tendência cultural expandiu-se rapidamente por todo o Ocidente, para além das fronteiras francesas. Por isso, Belghoul considera necessário que "todas as famílias da Europa, todas as mães e pais, estejam cientes do que está acontecendo com nossos filhos, porque eles estão sendo destruídos. "Se não vencermos a batalha, "será uma catástrofe para toda a humanidade". Porque a "teoria de género leva à barbárie". Palavras de Farida Belghoul, ex- ícone da esquerda francesa, ativista em favor do bem social.

Por Federico Cenci, In Zenit.org, 05 de Junho de 2014